

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA – INC
LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS-BIOLOGIA E QUÍMICA

Sabedoria popular: o uso de remédios caseiros no tratamento dos sintomas da Covid-19 na comunidade Indígena Tikuna Bom Jesus II, no município de São Paulo de Olivença, Amazonas/Brasil.

ROMÁRIO MAURÍCIO DE ANDRADE

Sabedoria popular: o uso de remédios caseiros no tratamento dos sintomas da Covid-19 na comunidade Indígena Tikuna Bom Jesus II, no município de São Paulo de Olivença, Amazonas/Brasil.

Monografia apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências: Biologia e Química, Universidade Federal do Amazonas-UFAM, Instituto de Natureza e Cultura-INC, para obtenção de título de Graduação.

Orientador (a): Profa. Dra. Taciana de Carvalho Coutinho.

Benjamin Constant – AM

2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A553s Andrade, Romário Maurício de
Sabedoria popular: o uso de remédios caseiros no tratamento dos
sintomas da Covid-19 na comunidade Indígena Tikuna Bom Jesus
II, no município de São Paulo de Olivença, Amazonas/Brasil. /
Romário Maurício de Andrade . 2022
51 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Taciana de Carvalho Coutinho
TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Ciências - Biologia e
Química) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Sabedoria popular. 2. Covid-19. 3. Remédios caseiros. 4.
Tratamento. I. Coutinho, Taciana de Carvalho. II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, em especial aos meus pais Ardério Almeida de Andrade e Tiberina Mauricio de Andrade. À minha esposa Fabiana da Silva que desde sempre esteve ao lado, ao meu filho Ryan Filipe quem me deu forças para seguir com coragem nessa caminhada, e a todos das famílias e amigos cuja compreensão e atenção foram essenciais para essa longa e difícil caminhada.

ROMÁRIO MAURÍCIO DE ANDRADE

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, que pelas suas mãos me abençoou.

Aos meus pais Ardério Almeida de Andrade e Tiberina Maurício de Andrade e aos meus irmãos que sempre me apoiaram ao longo desta caminhada com muito amor e carinho. A minha irmã Delícia Almeida e ao meu cunhado José Sarney Lucas, que cuidaram de mim na infância, e sempre me dando maior apoio para realização do meu sonho.

À minha esposa Fabiana Silva que me deu forças estando sempre ao meu lado nas horas que mais precisei. Ao meu filho Ryan Filipe que é o meu bem mais precioso na minha vida que Deus me deu, que com sua presença me deu forças e coragem para lutar em busca do meu sonho.

À minha orientadora Profa. Dra. Taciana de Carvalho Coutinho pela orientação dada, e pela paciência, sempre me dando força para não desistir.

Aos meus Professores e colegas do curso que estavam compartilhando conhecimentos e que de alguma forma contribuíram na minha formação.

Às pessoas participantes da minha comunidade que prontamente se dispuseram a ser entrevistada auxiliando na realização deste trabalho.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

“Saber que ensina não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”.

Paulo Freire

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. OBJETIVOS.....	16
2.1 Objetivo geral.....	16
2.2 Objetivos específicos.....	16
3. REVISÃO DE LITERATURA	17
3.1 Pandemia do novo coronavírus.....	17
3.2 Síntese geral sobre plantas medicinais.....	18
3.3 Etnobotânica.....	21
3.4 Conhecimentos Tradicionais.....	22
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	27
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	29
5.1 Dados sobre os casos de Covid-19 na Comunidade.....	29
5.2 Dados Sócio demográficos.....	29
5.3 Descrição das plantas medicinais utilizadas para o combate ao Covid-19.....	31
5.4 Medicções produzidas.....	37
5.5 Conhecimentos produzidos durante a Pandemia.....	39
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
AENEXOS.....	49
APÊNDICES.....	50

LISTA DE TABELAS

TABELAS DA MONOGRAFIA

TABELA 1	–	Características Sócio demográficos dos participantes.....	29
TABELA 2.		Espécies de plantas mais utilizadas pelos entrevistados.....	31

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO DA MONOGRAFIA

GRÁFICO	1	-	Forma	de	consumo	das	plantas	
medicinais.....								35

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Comunidade Indígena Tikuna Bom Jesus II.....	27
Figura 2 – Entrevista com alguns dos participantes.....	28
Figura 3 – Algumas espécies de plantas cultivadas e utilizadas.....	32
Figura 4 – Espécies para preparação do chá.....	33
Figura 5 – Óleo de andiroba.....	38
Figura 6 – Garrafada pós-preparação.....	39

RESUMO

O estudo foi realizado na Comunidade Indígena Tikuna de Bom Jesus II, localizada no município de São Paulo de Olivença – AM/Brasil. O objetivo geral foi discorrer sobre o conhecimento popular a partir da utilização dos remédios caseiros usados pelos moradores da Comunidade Bom Jesus II no combate dos sintomas do COVID-19. O estudo foi de natureza descritiva, com abordagem quantitativa. Os dados foram coletados através de um roteiro de entrevistas semiestruturadas que se caracteriza por uma conversa com finalidade específica guiada. Foram 12 participantes da entrevista que tiveram casos confirmados ao Covid-19. Pode-se dizer que conhecimento empírico está fortemente presente no povo da Comunidade de Bom Jesus II, e que os remédios caseiros produzidos através das plantas medicinais tiveram resultado positivo, ou seja, foram benéficos aos sintomas da Covid-19. O uso dos remédios caseiros ainda é uma alternativa para o tratamento de suas doenças mais comuns, e que se tornou mais frequente o uso para a prevenção ou cura dos sintomas do novo coronavírus, e isso permite reconhecer o expressivo acervo de saberes da comunidade referente ao uso de plantas medicinais, comunidade esta que configura espaço de relação entre homem, meio e crença representando a singularidade da cultura do ribeirinho da Amazônia. Os remédios caseiros mais utilizados foram o chá, xarope, e o banho, que de alguma forma ajudaram a combater a COVID-19.

Palavras-chave: Sabedoria Popular. COVID-19. Remédios caseiros. Tratamento.

RESUMEN

El estudio fue realizado en la Comunidad Indígena Tikuna de Bom Jesus II, ubicada en el municipio de São Paulo de Olivença – AM/Brasil. El objetivo general fue discutir el saber popular a partir del uso de los remedios caseros que utilizan los vecinos de la Comunidad Bom Jesus II para combatir los síntomas de la COVID-19. El estudio fue de naturaleza descriptiva, con un enfoque cuantitativo. Los datos fueron recolectados a través de un guión de entrevista semiestructurada, que se caracteriza por una conversación con un propósito específico. Fueron entrevistados 12 participantes que tenían casos confirmados de COVID-19. Se puede decir que el conocimiento empírico está fuertemente presente en las personas de la Comunidad Bom Jesus II, y que los remedios caseros producidos a través de plantas medicinales tuvieron un resultado positivo, es decir, fueron beneficiosos para los síntomas de la COVID-19. El uso de remedios caseros sigue siendo una alternativa para el tratamiento de sus enfermedades más comunes, y se ha vuelto más frecuente el uso para la prevención o cura de los síntomas del nuevo coronavirus, y esto permite reconocer el expresivo acervo de saberes de la comunidad en cuanto al uso de las plantas medicinales, comunidad que configura un espacio de relación entre el hombre, el medio ambiente y las creencias representando la singularidad de la cultura ribereña del Amazonas. Los remedios caseros más utilizados fueron: el té, el jarabe y el baño que de alguna manera ayudó a combatir la COVID-19.

Palabras clave: Saberes populares. COVID-19. Remedios caseros. Tratamiento.

1. INTRODUÇÃO

O aparecimento do novo coronavírus, denominado de SARS-CoV-2 deu início a uma pandemia de COVID-19, e que tem como consequência 450.229.635 casos confirmados globalmente e 6.019.085 mortes associadas à COVID-19, sendo relatada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 10 de março de 2022 às 17h08 (OMS, 2022).

Desde seu primeiro caso relatado em Wuhan, China, em dezembro de 2019, novas evidências descobertas por clínicos e pesquisadores em todo o mundo ajudaram a esclarecer sobre a patogênese da doença e a natureza do próprio vírus (SARDAR, et al., 2020; SILVA et al., 2021).

A doença do coronavírus 2019 (COVID-19) é infecciosa, causada pelo vírus coronavírus da síndrome respiratória grave (SARSCoV-2), convencionalmente chamado de novo coronavírus. Nas primeiras descrições, a COVID-19 – nome recomendado pela Organização Mundial da Saúde –, foi chamada pelo governo chinês de pneumonia do novo coronavírus (PNC). Enquanto isso, o SARS-CoV-2, nome recomendado pelo Comitê Internacional de Taxonomia de Vírus, nas primeiras descrições, foi chamado de 2019-nCoV.2 (MONTEIRO, TR. et al., 2020).

O coronavírus de espécies de baixa patogenicidade causa em humanos infecções respiratórias simples, levando ao desenvolvimento de sintomas do resfriado comum, tais como tosse, febre, coriza, dor de garganta e dificuldade para respirar. No entanto, podem eventualmente levar a infecções respiratórias graves em grupos de risco, idosos e crianças, levando a uma pneumonia grave (MONTEIRO, T.R. et al., 2020).

O primeiro caso confirmado no Brasil pelo novo coronavírus foi noticiado pelo Ministério da Saúde no dia 26 de fevereiro de 2020 em São Paulo. A partir de então, o país passou a ficar em estado de alerta, assim, passando a fazer parte da rotina dos brasileiros novos hábitos como o uso de máscaras, higienização das mãos, isolamento social, distanciamento social, dentre outros. Contudo isso, em menos de 30 dias todos os estados brasileiros registraram casos da nova doença por transmissão comunitária.

No Brasil, com a chegada do novo coronavírus, houve um verdadeiro colapso da rede de saúde, assim como a procura por métodos plausíveis para a prevenção da doença. Mediante a isso, sem um tratamento efetivo, a população recorreu a receitas caseiras para fortalecer a imunização contra o vírus. Nesse sentido, abriu-se uma margem para questionamentos sobre o uso de plantas medicinais, a automedicação e as políticas sobre fitoterápicos no país.

Sabe-se que, o Brasil é um dos países com maior diversidade biológica a partir da presença da floresta amazônica, abrigando desta forma um significativo grupo de populações ribeirinhas, indígenas e tradicionais, que são possuidoras de um amplo conhecimento sobre as plantas existentes em seu ambiente, e seus diversos fins. Esses conhecimentos e práticas são passados de geração em geração, consistindo muitas vezes no único meio de garantia de reabilitação da saúde principalmente para populações que ficam distantes dos centros urbanos (VÁSQUEZ; MENDONÇA; NODA, 2014).

No entanto, a prática de usos de plantas medicinais para tratamento de saúde é conhecida como fitoterapia, uma prática fortalecida principalmente após a criação Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS) pela Portaria nº 971, de 03 de maio de 2006, com objetivo de aumentar as alternativas terapêuticas dos clientes do SUS a partir de fitoterápicos, assegurando qualidade, eficácia e segurança, garantindo acesso às plantas medicinais, bem como a busca pela integralidade da atenção à saúde (BADKE et al., 2012).

Tais grupos (índios, caboclos, ribeirinhos, seringueiros, quilombolas, pescadores, pequenos produtores rurais e extrativistas) são detentores de um vasto conhecimento sobre as plantas e seu ambiente. Estes conhecimentos têm passado de geração em geração por via oral, estando intimamente interligados com a necessidade dos povos em aplicá-los em seu proveito, muitas vezes para garantir a sobrevivência humana (RODRIGUES e CARVALHO, 2001).

Saber respeitá-las, conhecê-las e estudá-las é fundamental para que no futuro, as florestas não sejam mais ameaçadas, a diversidade vegetal possa

ser conservada e as comunidades respeitadas no seu modo de vida (MING E GROSSI, 2007).

A utilização de plantas com propriedades medicinais é uma das formas mais antigas da prática medicinal, sendo utilizada para o tratamento, cura e prevenção de doenças (QURESH et al., 2016; VEIGA JUNIOR; PINTO; MACIEL, 2005).

Esta utilização antiga ocorre devido à busca constante de recursos naturais alternativos para melhoria da qualidade de vida. Empregando as plantas medicinais como matéria-prima para drogas e fitoterápicos ou como agentes terapêuticos isolados, em chás, macerados e cozimento (NUNES-PINHEIRO et al., 2003; BRASIL, 2006).

Na realidade, existe uma variedade de misturas caseiras (artesaniais), seja para prevenção e/ou tratamento do COVID19, seja por uso habitual (consumido antes mesmo da pandemia). A variável de desfecho foi “uso de remédio caseiro” entendido como todo e qualquer tipo de cuidado utilizado para curar ou aliviar doenças, sintomas, desconforto e mal-estar (ZENI, et al., 2021).

A microrregião do alto Solimões está localizada no interior da Amazônia, no sudeste do estado do Amazonas, e é composta por nove municípios. Essa região compreende-se uma área de 213.281, 24 Km² com população estimada de 251.867 habitantes (IBGE, 2020). Apesar da baixa densidade demográfica, o Alto Solimões apresentou um crescente número de infectados pelo novo coronavírus (GOVEIA, 2020).

Comunidade Indígena Bom Jesus II, por ser a minha comunidade de origem e dos quais tenho afinidade para dialogar e aplicar meus instrumentos de coleta de dados. Sou Tikuna, estudante e pesquisador sobre o meu povo. Este é o meu elo com o lugar e o meu povo. E, durante todas as atividades remotas da Universidade estive acompanhando o que acontecia e se passava com meu povo e as relações com a doença.

Cenário que o povo vive da agricultura, pois precisa do meio ambiente para cultivar suas plantações e criação para manter a sobrevivência da família.

Das tradições que o povo antigo deixou e até hoje a comunidade leva em frente, do quão é importante dialogar e compartilhar ao mundo.

O presente trabalho foi desenvolvido com intuito de investigar a sabedoria popular sobre usos de remédios caseiros utilizados no combate aos sintomas da COVID-19 entre os moradores da Comunidade Indígena Tikuna Bom Jesus II, localizado no município de São Paulo de Olivença, AM.

Com os desafios de se pensar no alívio dos sintomas da Covid-19, doença infecciosa causada pelo novo Coronavírus que tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca, e outros tipos de sintomas, o conhecimento popular dos remédios caseiros, na forma de preparo e ligado ao conhecimento sobre as propriedades medicinais da planta, faz bem para aliviar os sintomas da Covid-19.

Mediante a isto, o objetivo geral deste trabalho foi o de discorrer sobre o conhecimento popular a partir da utilização dos remédios caseiros usados pelos moradores da Comunidade Bom Jesus II no combate dos sintomas da Covid-19.

E assim pensar quais os remédios caseiros mais utilizados no tratamento dos sintomas da doença Covid-19 pelos moradores da Comunidade Bom Jesus II, da etnia do povo Tikuna. A partir disso, identificar com a população desse lugar, se os remédios utilizados tiveram bons resultados na questão do combate e conhecer os processos dos remédios feitos por eles.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

- Discorrer sobre o conhecimento popular a partir da utilização dos remédios caseiros administrados pelos moradores da Comunidade Bom Jesus II, no combate dos sintomas da COVID-19.

2.2. Objetivos específicos

- Descrever as plantas medicinais utilizadas pelos idosos e os infectados da Comunidade.
- Apontar os remédios caseiros mais utilizados pelas pessoas que tiveram casos da COVID-19.
- Averiguar o andamento do conhecimento tradicional a partir da entrevista.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1. Pandemia do novo coronavírus

Desde o início do século XXI, a humanidade vem enfrentando uma série de surtos ligados ao coronavírus (CoV). Até o ano de 2019 haviam sido identificados dois surtos epidêmicos ligados ao CoV, sendo a primeira ocorrência na China em 2002/2003, chamado de Síndrome Respiratória Severa Aguda (SARS-CoV) e o segundo surto em 2012, denominado Síndrome Respiratória Aguda do Oriente-Médio (MERS-CoV) (ABREU e MARTINAZZO, 2021).

As epidemias citadas acima tiveram ataque regional, não se estendendo para outros continentes. Cerca de três meses após o primeiro caso do novo coronavírus ser anunciado, em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan na China, a Organização mundial da Saúde, tendo em vista os critérios epidemiológicos de doenças infecciosas, declarou a Covid-19 como uma pandemia mundial, que no momento já acumulava 4.920 mortes pelo vírus no mundo (ABREU e MARTINAZZO, 2021).

Segundo Abreu e Martinazzo (2021) o novo coronavírus tem como principal meio de propagação o ar, devido a este fato comprovado, a Organização Mundial de Saúde (OMS) enfatizou o isolamento social como uma das principais formas de controle da pandemia. Dentre os principais sintomas, similares aos das epidemias anteriores, estão: fadiga, febre, tosse seca, dores articulares e musculares, além dos sintomas respiratórios.

No presente momento, foi comprovada medicação eficaz para o tratamento do infectado pelo vírus, com as estratégias terapêuticas usadas para tratar os sintomas do vírus depois de diversos suporte e estudos.

Foi identificado que pessoas portadoras de doenças cardiovasculares, diabetes, doenças respiratórias crônicas, hipertensão e idosos acima de 65 anos, pertenciam ao chamado Grupo de Risco da Covid, apresentando taxas de fatalidade da doença, superior ao dos contaminados não pertencentes ao grupo.

Os seres humanos não possuem uma imunidade protetora, para o novo coronavírus SARS-CoV-2, que recebeu esta denominação por provocar no indivíduo uma síndrome respiratória aguda grave. Esse vírus é o causador da

doença COVID-19, que ameaça milhões de pessoas e que gerou uma pandemia mundial, com início em 2019 até a atualidade (KHAN et al.; 2021).

O vírus, contagioso, quando no corpo do indivíduo é capaz de fugir das respostas imunes inatas, proliferar, sem impedimentos, principalmente nos tecidos infectados, levando a morte celular, subsequente resulta na liberação de partículas de vírus e componentes intracelulares para o espaço extracelular, que resultam no recrutamento de células imunes, na geração de complexos imunes e danos associados (FELSENSTEIN et al., 2020).

Existem numerosos estudos buscando encontrar um tratamento efetivo para o COVID-19, através das vacinas, medicações existentes, compostos sintéticos e também os compostos à base de plantas. Estudos já confirmam que há um papel de muitas plantas contra os vírus respiratórios quando empregados como extratos brutos ou seus ingredientes ativos na forma pura (KHAN et al., 2021).

3.2. Síntese geral sobre Plantas medicinais

Desde a antiguidade, a humanidade humana é conectada com o ambiente em que vive e de alguma forma há trocas de informações com o meio, saciando assim suas necessidades de sobrevivência. Logo, a busca e o uso de plantas com propriedades terapêuticas é uma atividade que vem de geração a geração, descritos com intuito de preservar essa tradição milenar e atestado em vários tratados de fitoterapia (CORREA JUNIOR, 1991).

As práticas usadas nas comunidades relacionadas ao uso de plantas medicinais têm como alternativa viável para tratamentos de doenças ou manutenção da saúde.

Destaca-se que, com relação ao uso de plantas medicinais, no Brasil, existe uma legislação recente, mas que vem crescendo muito nos últimos anos. Entre ela estão: a Políticas Nacionais de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), consolidando por meio do decreto nº 5.813 de 22 de julho de 2006, cuja proposta versa em ofertar em usuários do SUS mais uma opção terapêutica de saúde, com segurança, eficácia e qualidade. Basicamente a política nacional fundamenta-se em uma importante estratégia para a melhoria da atenção à saúde da população e à inclusão social (BRASIL, 2006).

A perda da biodiversidade e o acelerado processo de mudança cultural acrescentam um senso de urgência em garantir o registro desse saber, inclusive para uso científico. O que torna o conhecimento tradicional de interesse para ciência, porque se trata do relato verbal da observação sistemática de fenômenos biológicos, feito por pessoas, muitas vezes iletradas, mas certamente algumas tão perspicazes quanto os cientistas (OLGUIN et al.,2007).

Vale ressaltar, a etnobotânica é a ciência que analisa e estuda as informações populares que o homem tem sobre o uso das plantas. É através dela que se mostra o perfil de uma comunidade e seus usos em relação às plantas, pois cada comunidade tem seus costumes e peculiaridades, visando extrair informações que possam ser benéficas sobre usos de plantas medicinais (MARTINS, et al. 2005).

Segundo Balbach (1995), “as plantas não só nos proporcionam alimentos sãos e saborosos, mas também toda classe de remédios para a recuperação ou conservação da nossa saúde”.

As plantas medicinais correspondem às mais antigas “armas” empregadas pelo homem no tratamento de enfermidades de todos os tipos, ou seja, utilização de plantas de plantas na prevenção e/ou na cura de doenças é um hábito que sempre existiu na história da humanidade (MORAES; SANTANA, 2001).

Sabe-se que as plantas medicinais são usadas ao longo existência humana, tanto para a alimentação quanto para cura de certas enfermidades e isso chama atenção da humanidade pelo poder curativo das plantas, sendo assim, a saúde é essencial para a sobrevivência a qualquer espécie existente. Balbach (1995, p.7) afirma que:

“[...] por muito tempo a terapêutica vegetal esteve sobre domínio do povo comum, e especialmente dos homens do campo, em cujas mãos indoutas o conhecimento empírico do valor medicinal das plantas lhes tem prestado um serviço inestimável.”

Nota-se que, a existência do conhecimento sobre as plantas medicinais vem desde há muito tempo, e é utilizada pela sociedade que tem contato com o ambiente em que o cerca. Acredita-se que neste momento inesperado em relação ao COVID-19, o conhecimento popular sobre as plantas foi essencial

para o tratamento de certo sintomas. Apesar disso, poucos estudos têm se ocupado em investigar o conhecimento sobre o uso de plantas medicinais detidos por esses grupos em estudos, bem como a influência dessas populações nos diversos aspectos que envolvem a diversidade de plantas no local onde estão inseridos.

O uso das plantas medicinais é pautado no conhecimento popular que é constituído pela experimentação da realidade e comumente difundido entre uma comunidade ou grupo, além de fazer parte da prática da medicina popular que constitui um conjunto de saberes internalizados nos diversos usuários e praticantes (PEREIRA et al., 2017).

Segundo Flor e Barbosa (2015) plantas medicinais são aquelas que possuem princípios bioativos com propriedades profiláticas ou terapêuticas. O uso de plantas medicinais é regulamentado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA, órgão do Ministério da Saúde, que publica resoluções que regulam quais, quando e como as chamadas “drogas vegetais” devem ser usadas. Mais precisamente, regulamenta o uso de partes das plantas medicinais: folhas, cascas, raízes ou flores, como opção terapêutica, no Sistema Único de Saúde (Brasil, 2006).

Os remédios tradicionais são preparados a partir de vegetais e os medicamentos fitoterápicos, ambos são obtidos de plantas medicinais, mas diferente na elaboração. Os remédios provêm de partes dos vegetais como, por exemplo, folhas frescas ou secas, inteiras ou rasuradas, utilizadas nos chás, infusões, tinturas.

De acordo com Flor e Barbosa (2021),

“as plantas medicinais são excelentes opções, pois além do seu baixo custo, contribuem para o resgate do conhecimento popular, na medida em que esse conhecimento sistematizado é incorporado nas normas, e a promoção de seu uso responsável, embasado nos conhecimentos científicos”.

Vale ressaltar que as plantas medicinais são importantes quando se trata de agravos de saúde e o uso de remédios caseiros são os primeiros recursos que os usuários pensam e realizam na prática por que sabem que este tem uma cura ou alívio eficaz.

Segundo Berg e Almeida (2010, 2011), O bioma Amazônico possui uma vasta diversidade de recursos naturais com potencial terapêutico, associado a uma expressiva diversidade sociocultural, resultado da herança indígena, europeia e africana, que caracterizaram os povos e comunidades com visões e saberes peculiares.

3.3. Etnobotânica

A etnobotânica pode ser definida como o estudo da relação existente entre o Homem e as Plantas e o modo como essas plantas são usadas como recursos. Atualmente a etnobotânica tenta se comprometer com o mundo em desenvolvimento, adotando uma posição estratégica com seu foco integrativo (ALCORN, 1995).

Assim, permite um melhor entendimento das formas pelas quais as pessoas pensam, classificam, controlam, manipulam e utilizam espécies de plantas e comunidades. Pesquisas de cunho etnobotânico podem ajudar planejadores, agências de desenvolvimento, organizações, governos e comunidades a conceber e implementar práticas de conservação e desenvolvimento (TUXILL; NABHAN, 2001).

[...] Ciência que facilita o diálogo e a troca entre especialistas e outros atores sociais, a fim de gerar novas formas de conhecimento e de novas demandas filosóficas, éticas, epistemológicas e institucionais (ALEXIADES, 2003; ALBUQUERQUE; LUCENA, 2005; ALCORN, 1995; BEGOSSI, 1999; OLIVEIRA et al., 2009).

O fortalecimento das áreas envolvidas em um estudo etnobotânico não traz somente implicações em termos da produção de conhecimento em cada campo específico do saber. Ao contrário, destaca-se como uma abordagem de pesquisa científica que estuda pensamentos, crenças, sentimentos e comportamentos, que poderão mediar as interações entre as populações humanas e os demais elementos dos ecossistemas, assim como, os impactos advindos dessa relação (MARQUES, 2002). Mostra-se capaz de contribuir para aproximar o conhecimento científico do saber tradicional, com vistas a mitigar danos, criar alternativas produtivas, direcionar soluções para o bem coletivo.

Portanto, consideramos o desenvolvimento local como mais uma perspectiva presumível dentro de possibilidades apontadas pela etnobotânica.

O desenvolvimento local é um processo dinamizador da sociedade para melhorar a qualidade de vida das pessoas envolvidas no modo de vida da comunidade, favorecendo a emergência de novas formas de produzir, compartilhar e ter seus direitos protegidos. Portanto o desenvolvimento local é um processo de transformação social, cultural, econômico e político em que os maiores beneficiários podem ser os membros da própria comunidade (CASTILHO et al., 2009).

Pautados ainda na visão de Castilho et al. (2009), buscou-se registrar as potencialidades de desenvolvimento local enquanto alternativas mais viáveis para se proporcionar a ampliação de possibilidades na comunidade em questão, através dos preceitos que envolvem a chancela da Indicação Geográfica, pois, ao gerar condições favoráveis para a cooperação, a ajuda mútua, o caráter protetivo e ações conjuntas criam fatores estruturantes para o início de processo de organização e planejamento de novas perspectivas em torno de objetivos comuns.

3.4. Conhecimentos Tradicionais

Em seu estudo Gaudêncio (2020) aborda os “conhecimentos indígenas para a cura de doenças e o uso de ervas para fins medicinais”, ou seja, o conhecimento indígena pode ser definido como um conjunto cumulativo de crenças e conhecimentos que são transmitidos de geração em geração em sua comunidade, pela transmissão cultural sobre as relações existentes entre os seres vivos e o seu ambiente.

Além disso, os indígenas tem um aguçado senso das árvores características, dos arbustos e das ervas própria de cada “associação vegetal”, tomando essa expressão em seu sentido ecológico. Eles são capazes de enumerar nos mínimos detalhes e sem nenhuma hesitação as árvores próprias para cada associação, o gênero de fibras e de resina, as ervas, as matérias-primas que fornecem, assim como os mamíferos e pássaros que frequentam cada tipo de habitat. Na verdade seus conhecimentos são tão exatos e detalhados, que sabem também nomear os tipos de transição (GAUDÊNCIO, et al. 2020)

Segundo Brito (2013) cita em seu trabalho “diagnóstico do uso e importância das plantas medicinais entre docentes e discentes do ensino médio do Município de Brejo do Cruz-PB”, as plantas medicinais fazem parte da cultura popular, como meio de terapia caseira desde a antiguidade, quando o ser humano descobriu que através destas plantas era possível curar alguns males.

Segundo Foglio et al. (2006) pode-se considerar como planta medicinal aquela planta administrada sob qualquer forma e por alguma via ao homem, exercendo algum tipo de ação farmacológica. Os mesmos autores classificaram as plantas medicinais de acordo com sua ordem de importância, iniciando-se pelas plantas empregadas diretamente na terapêutica, seguidas daquelas que constituem matéria-prima para manipulação e, por último, as empregadas na indústria para obtenção de princípios ativos ou como precursores para semisíntese. O que gera o interesse pela realização de estudos e pesquisas para certificar o uso das plantas medicinais de forma correta, como também proporcionar seu uso na produção de fitoterápicos.

Muitos estudos com plantas medicinais estão sendo feitos, para comprovar sua eficácia no combate a algumas doenças, procurando extrair suas propriedades e moléculas para serem utilizadas na farmacologia. De acordo com Olguin et al. (2007), atualmente, algumas espécies já foram avaliadas pela sua eficiência terapêutica e toxicológica e são utilizadas pela população nas suas necessidades básicas de saúde.

Entretanto, para uma grande variedade de plantas, ainda existe carência de análise detalhada qualitativa e quantitativa dos seus princípios ativos, (substâncias responsáveis pelo efeito terapêutico das plantas medicinais) uma vez que livros referentes a plantas medicinais mencionam apenas qualitativamente seus principais constituintes químicos. Desta forma, há uma grande necessidade em conscientizar a população quanto ao uso indiscriminado de plantas, uma vez que muitas podem ser tóxicas (BRITO, 2013).

De acordo com Quinteiro e Moraes (2008), o maior fator de ameaça ao conhecimento e existência de plantas medicinais em regiões tropicais aparenta ser as mudanças culturais, especialmente influenciadas pelo processo de

globalização. Parece haver pouco ou nenhum interesse entre os membros jovens das comunidades tradicionais em assimilar e transmitir o conhecimento sobre plantas medicinais das gerações passadas.

Há ainda grande necessidade de intensificação do reconhecimento das plantas medicinais nativas de nossa flora a fim de descobrir quais são as características e propriedades medicinais de cada espécie, antes que estas também padeçam com as graves consequências do acelerado desenvolvimento econômico, que por sua vez deixa um rastro de destruição com o desmatamento das florestas, causando a extinção de diversas espécies animais e vegetais, inclusive as plantas medicinais que se encontram desconhecidas (BRITO, 2013).

As plantas medicinais tem um forte componente cultural. Ao preservar o conhecimento sobre plantas (a partir do uso deste conhecimento), se está preservando um patrimônio cultural das populações que as utilizam durante séculos.

A preservação deve partir do resgate e da valorização do conhecimento local. As pessoas que ajudaram a desenvolver e preservar estes conhecimentos tem muito a contribuir no processo de resgate e uso deles. Outra razão central e óbvia para que a preservação, a conservação e o uso de plantas medicinais sejam incentivadas, está relacionado à sua efetividade. As plantas medicinais são um meio bastante eficiente e efetivo de tratamento de um grande número de doenças.

O seu uso pode contribuir para diminuir a dependência dos medicamentos e da medicina convencionais. Além disso, as plantas medicinais normalmente apresentam um custo bem menor de uso terapêutico do que os medicamentos alopáticos. A produção e o uso generalizado de plantas medicinais pode reduzir o volume de recursos que o país gastaria anualmente com medicamentos (MARCATTO, 2022).

O conhecimento tradicional das plantas é aquele que, nos dias atuais, mesmo com o surgimento constante das tendências globais, pode se encontrar em pessoas de diferentes regiões, onde cada qual tem sua história e tradições

culturais consideradas únicas que continuam a condicionar suas visões do ambiente e da maneira de vida (SILLITOE, 1999).

Segundo Amorozo (1996), algumas comunidades tradicionais possui amplo conhecimento Etnobotânico, utilizando as plantas como matéria prima na cura de diversas enfermidades de forma sustentável, com baixo custo de produção, facilidade de acesso pelas populações menos favorecidos e em harmonia com a conservação de áreas.

As plantas medicinais possuem um papel importante nas condições de vida dos povos, no qual possui conhecimento sobre plantas, tais como na forma e indicações de consumo, e também nos processos aplicados para o tratamento de certas enfermidades. Mediante a isto, Oliveira (2010) afirma que:

“a necessidade de se consolidar práticas de conservação de plantas medicinais através da integração dos conhecimentos científico e tradicional, e alarma sobre a falta de estudos Etnobiológicos e a importância destes para o reconhecimento dos saberes tradicionais nas diferentes comunidades e culturas.”

Acredita-se que há autores que citam a questão da preservação do conhecimento sobre as plantas medicinais e o cuidado com o ambiente onde esta inserido, que de alguma forma tende a utilizar a mesma.

De acordo com Lopes (2007) o processo de proteção do conhecimento tradicional está interligado ao reconhecimento de suas práticas sociais que visem à conservação da biodiversidade, sendo que as regulamentações legais podem torna-se um motivador de práticas culturais ou ainda, refletir o empenho e o interesse dos movimentos sociais em prol da cultura dos povos tradicionais, no entanto, podem também desvalorizar ou limitar o acesso às informações.

A cultura do uso e cultivo de plantas medicinais, em comunidades interioranas, constitui importante recurso local para a saúde e sustentabilidade do meio ambiente rural. Entretanto, é importante a orientação quanto ao cultivo e manejo correto das plantas medicinais, pois a complementação do conhecimento popular e científico sobre a produção e o uso de plantas medicinais é fundamental para sua segurança e eficácia (FLOR e BARBOSA, 2015).

Para Arnous et al. (2011, p.4) "O conhecimento e uso das plantas medicinais têm sido estimados, baseando em algumas variáveis sociais". Possuindo as plantas esse poder curativo é preciso conhecer o princípio ativo que cada uma possui para melhor aplicabilidade no tratamento de certas doenças.

Portanto, considerando a relevância, do etnoconhecimento ou conhecimento popular, vulgarmente conhecido como senso comum, não deve ser desvalorizado, pois apesar de ser limitada sua veracidade tende ser objetivo e racional por estar ligado à percepção e a ação e por ser uma forma simples, porém coerente e instintivo de se conhecer com o contato direto do ser humano. Esse conhecimento contorna um saber diário, com características sensitivas e subjetivas e esse conhecer de como as pessoas utilizam os recursos naturais é de grande valor a construção do conhecimento científico (ALBUQUERQUE e ANDRADE, 2002).

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A execução do trabalho foi na área ribeirinha do Município de São Paulo de Olivença – Amazonas, especificamente na Comunidade Indígena Tikuna Bom Jesus II (Figura 1). O local da pesquisa para realização foi pela tradição cultural dos moradores aos conhecimentos populares sobre os remédios caseiros no momento pandêmico mais utilizado no tratamento dos sintomas da Covid-19.

Figura 1. Comunidade Indígena Tikuna Bom Jesus II.



Fonte: Andrade, 2022.

O estudo foi de natureza descritiva, com abordagem quantitativa. De acordo com Selltiz et al., (1965), a pesquisa descritiva busca descrever um fenômeno ou situação em detalhe, especialmente o que está ocorrendo, permitindo abranger, com exatidão, as características de um indivíduo, uma situação, ou um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos, e sua principal contribuição é proporcionar uma nova visão sobre uma realidade já existente.

E a quantitativa onde requer a quantidade de pessoas envolvidas nas entrevistadas, que segundo Richardson (1999), a metodologia quantitativa é caracterizada pelo emprego da quantificação, tanto das modalidades de coleta de informações quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, a pesquisa quantitativa busca validação das hipóteses mediante a utilização de

dados estruturados, estatísticos, com análise de um grande número de casos de representativos recomendando um curso final da ação.

Os dados foram coletados através de um roteiro de entrevistas caracteriza por uma conversa com finalidade específica guiada por um roteiro de perguntas aberta e fechadas, dando ao entrevistado a possibilidade semiestruturadas, que se de falar mais livremente sobre o tema proposto (MINAYO, 2008). Roteiro contendo 14 perguntas com relação ao tema proposto.

Que segundo GIL (1999), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas nas pesquisas sociais. Esta técnica de dados é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam e desejam, assim como suas razões para cada resposta.

As entrevistas foram realizadas pelo pesquisador conforme a disponibilidade do entrevistado em local e a hora determinado pelo mesmo, individualmente e em suas residências (Figura 2), sendo que após o questionário/entrevistas aplicados os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Figura 2. Entrevistas com alguns dos participantes



Fonte: Andrade, 2022.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Dados sobre os casos de Covid-19 na Comunidade

Tendo como público alvo os idosos com notório saber tradicional e pessoas que foram infectadas e que apresentaram sintomas do vírus da COVID-19. Na Comunidade de Bom Jesus II vivem 178 pessoas, distribuídas em 44 famílias (segundo o cadastro do programa de agentes comunitários de saúde). Entre 178 pessoas residentes na Comunidade, 15 casos foram confirmados para COVID-19, sem nenhum óbito. Desses 15 casos, 12 foram participantes da entrevista, e os mesmos tiveram sintomas bem graves.

O primeiro caso registrado na Comunidade, de acordo com as informações locais, foi um paciente que retornava de viagem para comunidade em Julho de 2020 para visita de família e amigos existente, cujo cidadão mora no interior do Município de Santo Antônio do Iça- Amazonas, Comunidade Betânia, onde, porém já teria casos confirmados ao COVID-19. Aos cinco dias já na comunidade o cidadão apresentou sintomas graves e foi confirmado pelo exame do tipo teste rápido, e antes da confirmação o paciente visita parentes e amigos, assim fazendo a disseminação do vírus do coronavírus. Alguns pacientes que tiveram contato com ele diretamente foram contaminados apresentando sintomas graves e outros com sintomas mais brandos.

Alguns informantes descreveram que o contágio do vírus aconteceu provavelmente durante o trajeto para a cidade onde havia aglomeração de pessoas. Porém, os mesmos ressaltam que tinham necessidade de ir até à cidade. Tanto o deslocamento das pessoas da comunidade para cidade e da cidade para a comunidade foi um dos pontos mais citados como forma de contágio e transmissão do vírus.

5.2 Dados Sócio demográficos

As informações sócio demográficas dos entrevistados foram: idade, sexo, etnia, estado civil, escolaridade, nº de pessoas na família e nº de filhos e profissão. Os 12 entrevistados apresentam faixa etária que variou de 26 a 70 anos. A Tabela 1 mostra alguns dos dados sócio demográficos dos participantes.

Tabela 1. Características Sócio demográficos dos participantes.

1. Idade		26 a 70 anos
2. Sexo	Feminino Masculino	5 7
3. Etnia Tikuna	Falante da língua Não falante	8 4
4. Estado civil	Solteiro Casado	10 2
5. Escolaridade	Nível Fundamental Inc. Nível Médio Comp.	5 7
6. Nº de pessoas na família	3 famílias 4 pessoas 5 pessoas	Com três pessoas Com cinco pessoas Com sete a onze pessoas
7. Filhos	Com filhos Sem filhos	10 2
8. Profissão	Agricultura familiar	12

Fonte: Andrade, 2022.

Observou-se que os idosos tem mais conhecimento em relação às plantas medicinais. Os indígenas têm um conhecimento da flora medicinal, retirando dela os mais diversos remédios, usados de diferentes formas.

Cada etnia vai possuir seu próprio sistema de classificação e domínio vegetal, fazendo com que possua esquemas particulares de organizar cognitivamente as plantas, conhecimento que este é repassado de geração em geração. Assim cada cultura expressa e representa de formas iguais ou distintas a sua relação com a natureza. Sobre a discussão do conhecimento indígena para a cura de doenças, observa-se que cada sociedade tradicional utiliza uma maneira própria de desenvolver seus métodos de autocuidado sendo relacionando com suas crenças (GAUDÊNCIO, et al. 2020).

Todos os participantes, afirmam ter filhos. Pois foi coletado que há uma grande preocupação em cuidados familiar, no qual essa troca de conhecimentos e aprendizado está crescendo em relação às plantas medicinais.

O etnoconhecimento expressa um *locus* epistêmico constituído pelas expressões-sentidos, formação, aprendizado, transmissão e perpetuação (SANTOS, 2008). Isso permite reconhecer o expressivo acervo de saberes da comunidade de Bom Jesus II referente ao uso de plantas medicinais, comunidade esta que configura espaço de relação entre homem, meio e crença representando a singularidade da cultura do ribeirão da Amazônia.

A agricultura é a principal atividade econômica local, sendo a mandioca (*Manihot esculenta Krantz.*) a cultura principal destinada principalmente para a produção da farinha. Não somente os participantes, mas todas as famílias trabalham na agricultura, pois é de onde fornecem benefícios para sobrevivência da família através da produção produzida.

5.3 Descrição de plantas medicinais utilizadas para combate ao Covid-19

Um dos aspectos importantes durante a realização do trabalho de campo foi o de visualizar que o uso de plantas medicinais na comunidade não ocorre apenas quando o COVID-19 se fez presente.

Os participantes afirmaram utilizar plantas medicinais de alguma forma, todos fazem uso em forma de remédios caseiros 2 ou 3 vezes na semana. O habito torna-se mais forte, principalmente quando se está doente.

A indicação para o uso de plantas medicinais está diretamente interligado ao consumo também pelas indicações de avós, pais, familiares ou amigos, o que se caracteriza como sendo um conhecimento passado por gerações.

Ressalta-se que, os remédios caseiros extraídos das plantas medicinais no momento Pandêmico foram utilizados com mais frequência, afirmado pelos respondentes, e dentre as espécies mais utilizadas pelos participantes como mostra abaixo (Tabela 2).

Tabela 2. Espécies de plantas mais utilizadas pelos entrevistados.

Nome científico	Nome popular	Parte usada	Preparo	Indicação
<i>Spilanthes acmella (L) L.</i>	Jambu	Folhas	Chá	Gripe, garganta
<i>Dysphania Ambrosioides</i>	Mastruz	Folhas	Xarope	Gripe, tosse
<i>Citrus Limonium</i>	Limão	Fruto, folhas	Chá, xarope, Banho	Gripe, garganta.
<i>Allium sativum</i>	Alho bravo	Folhas	Banho	Dor de cabeça, esfriar o corpo.
<i>Ayapana triplinervis</i>	Japana	Folha	Banho, chá	Resfriado, tosse.

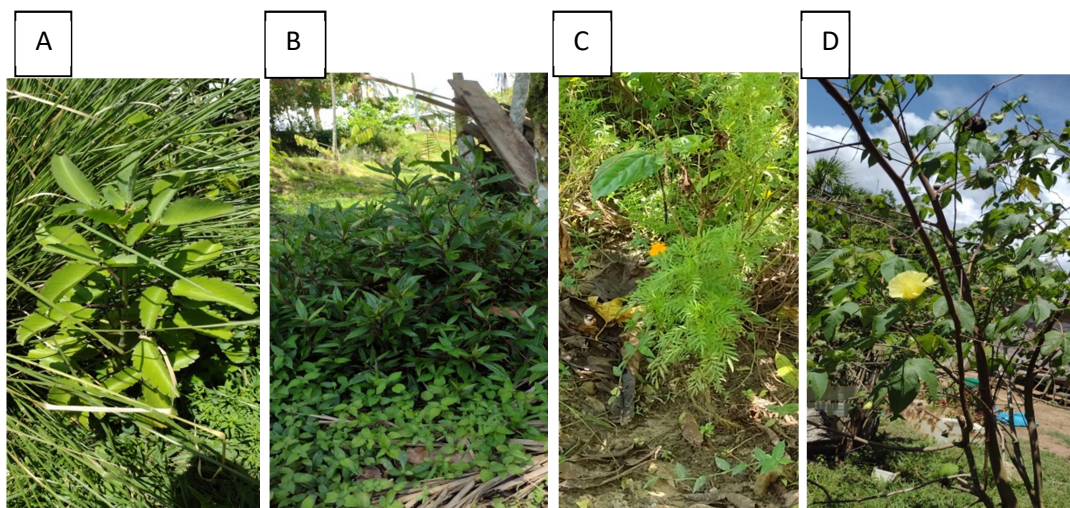
<i>Syzygium aromaticum</i>	Cravo	Folha	Xarope, banho	Resfriado, tosse.
<i>Gossypium hirsutum L.</i>	Algodão	Folhas	Banho, xarope, sumo	Garganta inflamada, resfriado, dor de cabeça.
<i>Allium sativum</i>	Alho	Dente	Chá, Xarope	Gripe, anti-inflamatório, tosse
<i>Bryophyllum Pinnatum</i>	Corama	Folhas	Xarope, Banho	Tosse, Asma
<i>Ruta graveolens</i>	Arruda	Folha	Banho, chá	Resfriado, dor na garganta, sovar o corpo
<i>Ocimum basilicum L.</i>	Manjeriço	Folhas, raízes	Xarope, banho	Gripe, resfriado
<i>Copaifera langsdorffi</i>	Copaíba	Caule (óleo da copaíba)	Xarope	Pele inflamada, tosse, Garganta inflamada.
<i>Carapa guianensis Aubl</i>	Óleo de Andiroba	Semente	Xarope, massagem no corpo.	Garganta inflamada alivia e acalma dor nos tecido inflamado.

Fonte: Andrade, 2022.

O Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) estabeleceu dois eixos de regulamentação para o cultivo, manejo, produção, distribuição e uso das plantas medicinais e fitoterápicos: o eixo agro-fito industrial, procurando atender as adequações da agroindústria e da indústria farmacêutica, assegurando a qualidade, a segurança e a eficácia do produto obtido, e o eixo das tradições em plantas medicinais pretendendo salvar e preservar o conhecimento tradicional sobre as plantas medicinais e os remédios caseiros provenientes da agricultura familiar (PNPMF, 2009, p. 14).

Das espécies acima, as mais citadas pelos participantes foram: jambu (*Spilanthes acmella (L) L.*), limão (*Citrus Limonium*), alho (*Allium sativum*), alho bravo (*Allium sativum*), Corama (*Bryophyllum Pinnatum*), mastruz (*Dysphania Ambrosioides*), manjeriço (*Ocimum basilicum L.*) e copaíba (*Copaifera langsdorffi*). (Figura 3).

Figura 3. Algumas espécies de plantas cultivadas e utilizadas. A) Corama (*Bryophyllum Pinnatum*). B) Japana (*Ayapana triplinervis*). C) Cravo (*Syzygium aromaticum*). D) Algodão (*Gossypium hirsutum L.*)

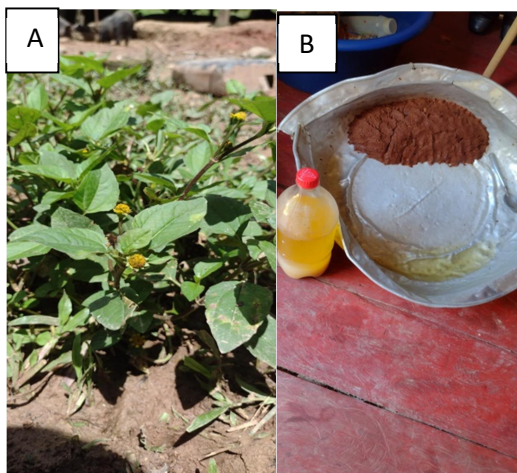


Fonte: Andrade, 2022

O mastruz (*Dysphania Ambrosioides*) após macerado e filtrado, o sumo é utilizado para dor na Garganta e tosse, e outras citadas acima serve principalmente para chá e xarope. As folhas do manjericão aromático são usadas para chá que se toma contra o resfriado comum ou a tosse.

O chá do Jambu (*Spilanthes acmella* (L.) L.), em um recipiente com em média de 1 litro de água, após pôr caule, raiz e folha dentro do recipiente até ferver, e logo adicionar um (1) dente de alho (*Allium sativum*), e logo coar para outro recipiente e adicionar uma (1) gota de óleo de andiroba (*Carapa guianensis Aubl*) e um (1) pingo de copaíba (*Copaifera langsdorffi*) e tomar diariamente (Figura 4).

Figura 4. Espécies para preparação do chá. A) Jambu (*Spilanthes acmella* (L.) L.). B) Extração do óleo da andiroba (*Carapa guianensis Aubl*)



Fonte: Andrade, 2022.

Xarope do Jenipapo maduro, colocar em um recipiente uma pequena quantidade de água e pequenos pedaços do jenipapo e pôr uma colher do açúcar e deixar ferver até o caldo ficar grossinho e logo após beber diariamente, pois serve para tosse e dor na garganta.

Foi possível constatar, que durante a entrevista houve grande número de afirmação que as mulheres preparam os remédios caseiros para a família, e que são elas que cultivam as plantas medicinais.

Com relação à idade dos entrevistados pode-se perceber que a utilização de plantas medicinais se faz mais por pessoas que tem idade adulta, tendo elas recebido os conhecimentos de costumes e tradições dos antigos.

Os resultados obtidos mostraram que o uso de plantas medicinais ainda é muito importante para a manutenção da saúde na comunidade estudada, que apesar de existir farmácia no município, o uso de plantas para tratamentos de problemas de saúde é bastante frequente.

Segundo os moradores o uso dos remédios caseiros ainda é uma alternativa para o tratamento de suas doenças mais comuns. Observou-se que o conhecimento dos pais a respeito das plantas medicinais é amplo, e que eles mesmos preparam os remédios para cuidar da saúde da família.

As plantas medicinais são utilizadas em comunidades tradicionais, como remédios caseiros, sendo considerada a matéria prima para fabricação de fitoterápicos e outros medicamentos (LEÃO; FERREIRA; JARDIM, 2007).

E tratando-se de aquisição de plantas medicinais foram apontados que o consumo é de cultivo próprio segundo suas confirmações. Desta forma, consideramos que a obtenção de plantas medicinais se deriva de diversos meios, sendo que estes não são excludentes entre si, uma vez que há uma variedade muito grande de plantas com possibilidade de utilização na medicina popular (BRAGA e SILVA, 2021).

As plantas medicinais são excelentes opções, pois além do seu baixo custo, contribuem para o resgate do conhecimento popular, na medida em que esse conhecimento sistematizado é incorporado nas normas, e a promoção de seu uso responsável, embasado nos conhecimentos científicos. Suas práticas curativas e preventivas estão relacionadas com o modo como é percebido a doença e suas causas, sendo realizadas pelo pajé em rituais cheios de

elementos mágicos e místicos. Quando os portugueses aqui chegaram, encontraram indígenas os que usavam urucum para pintar e proteger o corpo das picadas de insetos e também para tingir seus objetos cerâmicos (GASPAR, 2009).

Todos os entrevistados, disseram conhecer os benefícios do uso dos remédios caseiros e que de alguma forma utilizaram os remédios já consumidos há muito tempo para a prevenção da COVID-19, foi pelo motivo que acreditam que os remédios caseiros possam prevenir o coronavírus.

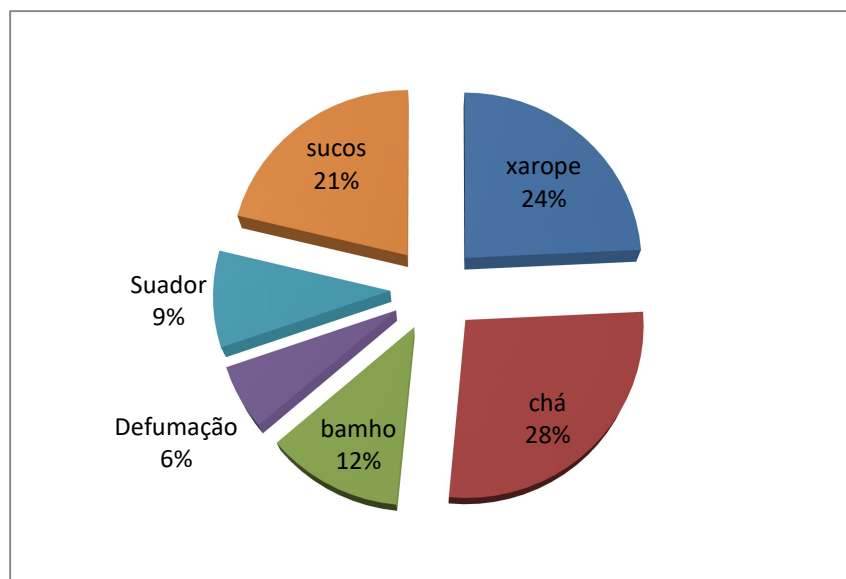
A confiança nos remédios naturais é expressa por todos os 12 participantes que afirmaram consumi-los. As vantagens decorrentes da utilização de produtos naturais apontadas pelos entrevistados referem-se, principalmente, à eficácia, baixo custo, visto que na pesquisa nenhum entrevistado colocou o custo como um dos motivos pelos quais evitaria o consumo, e efeitos colaterais reduzidos, fato que seria uma vantagem perante outros medicamentos, além do estímulo aos hábitos saudáveis de vida.

Segundo Barbosa (2016), os costumes, os saberes e as crenças encontrados no Brasil, originaram-se de uma complexa fusão entre diferentes culturas, como interação de práticas empíricas, uso de recursos naturais, atos religiosos e magia, que se complementam e contrapõem-se. Tanto a indicação espiritual quanto de parentes e amigos tem forte conexão com este fator cultural.

Dessa forma, afirma-se que o conjunto de saberes da medicina tradicional brasileira coexiste com o saber médico instituído pelo cientificismo, constituindo, assim, um patrimônio rico das ciências humanas e de saúde.

Os entrevistados discorrerem sobre quais as formas de consumo (Gráfico 1).

Gráfico 1. Forma de consumo das plantas medicinais.



Fonte: Andrade, 2022.

Foi possível confirmar que diversos chás prevaleceram entre os modos mais comuns de consumo por parte dos entrevistados, com destaque de alguns produtos como os chás de: Jambu, limão, alho entre outros. De acordo com o Memento Fitoterápico (2016), diversas formas são eficazes dependendo do tipo de planta que esteja sendo utilizada, dentre elas estão: extratos líquidos ou secos; tinturas; cápsulas/comprimidos; óleos; pomadas; cremes; gel; e infusões (chás).

O chá é a forma de uso mais convencional de plantas medicinais, é considerado uma bebida segura para consumo, pois os princípios ativos das plantas são extraídos com água em menor quantidade, tendo poucas reações adversas. Porém, estas podem ocorrer em alguns organismos, principalmente em um consumo por um longo período, sem que haja conhecimento do potencial tóxico da planta, ou até mesmo sua interação com outros medicamentos, alterando a eficácia do tratamento (ABREU e MARITINAZZO, 2021).

Visando o aumento da imunidade, muitos buscam os sucos como forma de aumentar o consumo de vitaminas e minerais essenciais ao corpo. Segundo Gois (2020), a suplementação alimentar em tempos de pandemia tem sido avaliada, mas com vários estudos sendo realizados a respeito da atuação de certos nutrientes contra a Covid-19, embora a opção certa é preciso procurar

profissionais da área de nutrição com o intuito de buscar possíveis deficiências nutricionais.

Foi citada pelos participantes a utilização da defumação, mas em menor quantidade. É produzido através da casa da abelha Uruçú, que então acreditam que afasta o mal ou vírus que rodeia sua residência segundo os entrevistados, mas que de alguma forma ajudou bastante no momento da pandemia.

A preparação da casa da abelha para defumação, em um recipiente apropriado coloca-se brasas e logo após pôr pequenos pedaços da casa da abelha até queimar a casa e então se espera sair a fumaça e depois rodear ao redor da casa e lugares de preferência.

A abelha Uruçú é conhecida por serem abelhas grandes, robustas e ótimas produtoras de mel. Uruçú é uma palavra que vem do tupi “eiru su”, que na linguagem indígena significa “*abelhas grande*”.

5.4 Medicamentos Produzidas

Segundo Resolução da Diretoria Colegiada da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, (RDC) Nº 14 de 31 de março de 2010 são considerados medicamentos fitoterápicos aqueles obtidos com emprego exclusivo de matérias-primas ativas vegetais, cuja eficácia e segurança são validadas por meio de levantamentos etnofarmacológicos, de utilização, documentações tecnocientíficas ou evidências clínicas.

A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS (Sistema Único da Saúde), aprovada pela Portaria GM nº 971, de 3 de maio de 2006, trouxe diretrizes e ações para inserção de serviços e produtos relacionados à medicina tradicional chinesa, acupuntura, plantas medicinais e homeopatia, assim como para observatórios de saúde do termalismo social e da medicina antroposófica, promovendo a inserção destas práticas no SUS.

As terapias com produtos naturais, medicamentos de espécies vegetais e homeopatias são relatadas em sistemas de medicina em todo o mundo. No Brasil várias espécies de plantas medicinais e produtos fitoterápicos são utilizados pela população no tratamento de doenças, não somente pelo menor custo, mas pela grande biodiversidade e como resultado da influência de

diversas etnias, dado que muitas espécies foram trazidas e aclimatadas durante o período da colonização. Grande parte do conhecimento fitoterápico brasileiro deve-se ao legado das tribos indígenas, da colonização europeia e das populações africanas (ABREU e MARTINAZZO, 2021).

Os respondentes citam a respeito das medicações produzidas, como óleos essenciais advindo da andiroba (Figura 5), o xarope produzido através do limão, mel da Jandaira e o mel da Abelha.

Figura 5. Óleo de Andiroba (*Carapa guaianesis Aubl*)



Fonte: Andrade, 2022

Com o óleo da andiroba, um (1) limão verdadeiro e o sal. O limão é descascado e assado e logo espremer e tirar somente o caldo em um recipiente, e então adicionar o óleo de andiroba e meia colher de sal. Acreditam que ajuda no tratamento da gripe e garganta inflamada.

Os medicamentos de origem vegetal são consumidos de forma paliativa e com finalidade terapêutica no tratamento de inúmeras enfermidades. Além de uma prática uma milenar, a fitoterapia envolve diversas formas de tratamento para uma determinada população (COSTA, 2020).

Os remédios preparados a partir de vegetais e os medicamentos fitoterápicos, ambos são obtidos de plantas medicinais, porém diferem na elaboração.

Os remédios provêm de partes dos vegetais como, por exemplo, folhas frescas ou secas, inteiras ou rasuradas (partidas em pedaços menores), utilizadas nos chás, infusões, tinturas; enquanto que os medicamentos

fitoterápicos são produtos tecnicamente mais elaborados e a apresentação final para uso é sob a forma de comprimidos, cápsulas, xaropes (Brasil, 2006).

Um dos entrevistados descreveu a preparação da garrafada (Figura 6) com folha do Jambu, juntamente com um (1) dente de alho, cebola em pequenos pedaços, é fervida em media de 20 a 25 minutos com um (1) litro de água.

Figura 6. Garrafada pôs preparação.



Fonte: Andrade, 2022.

5.5 Conhecimentos produzidos durante a Pandemia

De acordo com os participantes, se constatou de maneira geral que os mais idosos conhecem uma maior diversidade de plantas úteis, devido ao saber acumulado ao longo de suas vidas.

No entanto, existe uma importância da divulgação dos conhecimentos dos mesmos com as plantas medicinais em relação à COVID-19, pois no momento não existia nenhum remédio comprovado, assim, as plantas medicinais foram primordiais e nos direciona ao caminho da vida saudável, provado que ajuda no combate de qualquer doença.

É possível observar que a pandemia causada por uma doença nova, o Covid-19, trouxe à tona a busca por alternativas à medicina convencional, sendo assim, tratadas com maior atenção e valor por parte da população. Embora a pandemia de Covid-19, dificultou vários planos das pessoas, várias internações hospitalares, isolamento e morte.

Há vários relatos do uso de plantas medicinais em localidades dos municípios do Alto Solimões, Amazonas. As pessoas usuárias de plantas medicinais tiveram conhecimento do uso para o tratamento da doença identificada como Covid-19, e a importância em divulgar em relação à localidade em estudo, tudo que abordar sobre os remédios caseiros de origem vegetal que também são comercializadas e bem conhecidas popularmente pelas pessoas da Comunidade.

De acordo com Veiga e Scudeller (2015), as plantas medicinais na região amazônica representam a principal forma de tratamento de doenças para a maioria das populações pobres devido às influências culturais e ao custo proibitivo dos produtos farmacêuticos”. Os mesmos autores citam que na flora Amazônica há uma grande diversidade de plantas medicinais existentes, onde serve no tratamento e cura de certas enfermidades.

Os antepassados entregaram os elementos culturais de geração em geração da importância dos saberes locais, e os remédios caseiros é de grande importância nessa questão e que atualmente foi preciso utilizar esse conhecimento na aplicação dos remédios extraídos das plantas vegetais, que acreditam no tratamento e na cura das doenças.

De acordo com Silva (2018), os etnoconhecimentos são importantes para a compreensão e a valorização das culturas, forma de agir, viver e conviver com o meio ambiente. Vale ressaltar que, a utilização das plantas medicinais é uma das mais antigas práticas empregadas para tratamento de enfermidades humanas e tudo que sabemos até hoje do tratamento com plantas, provém do conhecimento popular.

E mesmo com a evolução do conhecimento científico a utilização dos métodos alternativos de cura por parte das plantas é muito frequente, podendo complementar aos tratamentos usualmente empregados, para a população de menor renda.

Os trabalhos em descrição sobre plantas medicinais há pesquisadores que abordam estudos a sua cultura em relação ao seu convívio ou região, e relacionados a este grupo do estudo existe pouco estudos em relação publicações científicas.

Foi possível constatar-se o grau de conhecimentos em relação às plantas medicinais dos participantes, mas também se acredita que o conhecimento que vem de geração a geração ainda prevalece entre as pessoas que vivem no local. Diante do estudo realizado com os participantes a respeito das plantas medicinais, percebeu-se que são as que mais se destacaram tais como o Limão (*Citrus Limonium*), Jambu (*Spilanthes acmella (L)*), Mastruz (*Dysphania ambrosioides*), Manjerição (*Ocimum basilicum L.*), Corama (*Bryophyllum pinnatum*), Arruda (*Ruta graveolens*) e o Alho (*Allium sativum*), e por ser utilizada e cultivada pelas famílias durante há muito tempo. É importante abordar, os remédios caseiros mais utilizados pelos moradores que e os mesmos afirmam o uso como formas de tratamentos dos sintomas ou evitar ser contaminados ao COVID-19.

Segundo Almeida (2011), denomina-se remédio “todos os meios físicos, químicos ou psicológicos através dos quais se procura o restabelecimento da saúde”. Como por exemplo, o uso de arruda nas rezas e o banho de sal grosso, ambos contra mau-olhado e etc.

O chá, o xarope e o banho são remédios caseiros mais citados e utilizados pelos entrevistados, e afirmam os benefícios no tratamento de doença, principalmente no alívio ou cura dos sintomas no momento da Covi-19.

O banho preparado sempre utiliza várias folhas de plantas, como por exemplo, misturar parte da folha do alho bravo (macerado), folha do cravo (macerado), folha do cueiro (macerado), limão em pequenos pedaços, trata-se de um banho que alivia o corpo, gripe e dor de cabeça.

O uso das plantas medicinais são para remédio, banho e defumação as relacionadas à prática religiosa como aquelas de uso no ritual do Santo Daime (Seixas, 2008).

O uso tópico, na forma de banhos, é preconizado nos casos de ferimentos, impigens, lavando-se a área afetada até a cura. Para o uso interno é indicado o chá das folhas em forma de infusão, que é ingerido de forma continuada, substituindo a água na dieta alimentar normal, utilizada em casos de anemias, inflamações uterinas, diarreias sanguíneas, leucemias, hemorragias, diurético, albumina elevada, hepatites e nervosismo (LORENZI & MATOS, 2002; MARTINS et al. 2005).

Após as análises constata-se, que conhecimento ainda permanece fortemente presente na população do local estudado, principalmente quando se trata de plantas medicinais. O conhecimento passado de geração a geração são indicados pelos avós, pais ou amigos sobre remédios caseiros através de vegetais permanece e se amplia a lugares.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a chegada da Covid-19, a população buscou maneiras de como prevenir de certas enfermidades ocasionadas à saúde. Uma delas foram à utilização de remédios caseiros advindo de plantas medicinais que apresentam propriedades benéficas, além de promover um “saber” sobre a flora em que vive.

Pode-se constatar que conhecimento empírico está presente nas populações rurais indígenas, principalmente no que diz respeito às plantas medicinais. E que muitas pessoas que não têm acesso aos serviços de saúde nesta comunidade, as plantas medicinais foram as principais opções, para o tratamento dos sintomas para o tratamento da Covid-19.

Na comunidade estudada, muitas plantas são utilizadas tradicionalmente pela população para recuperação da saúde, e esta prática é repassada de geração em geração, através de informação oral, em geral é um conhecimento familiar bastante difundido na população. Eles confiam e acreditam na eficácia deste tipo de tratamento até com certo exagerado acreditando que as plantas são inofensivas a saúde, não identificando nenhum efeito ou evento adverso nem contraindicações.

Conclui-se que as plantas utilizadas pelos moradores são benéficas, ajudam no alívio ou na cura de certas enfermidades, e principalmente no combate aos sintomas da Covid-19. O chá, xarope e o banho extraído das plantas medicinais em forma de remédios caseiros são importantes para a sobrevivência de uma determinada população a qualquer que seja adequada para o tratamento.

Assim, pode-se analisar que o conhecimento popular das plantas está sendo transmitido em geração em geração, pois os filhos estão acompanhando a cultura, a tradição deste lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. (2002): **“Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco”**. Acta Botanica Brasilica, v.1, n.3, p. 273-285.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. **Can apparency affect the use of plants by local people in tropical forests?** Interciência, n. 30, p. 506-510, 2005.
- ALCORN, Jane B. **The scope and aims of ethnobotany in a developing world**. In: SCHULTES, R. E.; REIS, S. V. (Ed.). Ethnobotany: evolution of a discipline. Cambridge: Timber Press, 1995.
- ALEXIADES, M. N. **Ethnobotany in the Third Millennium: expectations and unresolved issues**. Delpinoa, n. 45, p. 15-28, 2003.
- ALMEIDA, M. Z. de. Plantas medicinais. 3ª. Edição. Salvador: EDUFBA, 2011.
- AMOROSO, M.C.M. **A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais**. IN: DISTATSI, L.C. Plantas medicinais: Arte e Ciência, um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: EDUSP.P. 47-68. 1996.
- ARAÚJO, K.A. **Conhecimento local e o uso de plantas medicinais em Boa Vista/Roraima: novas estratégias em saúde coletiva**./Kristiane Alves Araújo. Manaus:[S.N].2018.169F:CALOR.;30 CM.
- ARGENTA, S. C; ARGENTA, LC.;GIACOMELLI,SR.;CEZAROTTO,V.S. **Plantas medicinais: Cultura popular versus ciências vivencias:revista eletrônica de extinção da URI**. ISSN 1809-1636. Vivências. Vol.7, N.12:p.51-60,maio/2011.
- ARNOUS, A. H., SANTOS, A. S., BEINNER, R. P. C. **Plantas medicinais de uso caseiro - conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário**. Revista Espaço para a Saúde. Londrina. v. 6, n.2, p.1-6, jun. 2005. Disponível em: <http://www.ccs.uel.br/espacoparasaude>. Acesso em: 25 março de 2022.
- BALBACH, A.A. **A flora Nacional na medicina domestica**. 17 a quaquetuba. A edificação do Lar,?. 23 'ed.
- BARBOSA, M. O.; LEMOS, I. C. S, KERNTOPF, M. R.; FERNANDES, G. P. A. **Prática da Medicina Tradicional no Brasil: um resgate histórico dos tempos coloniais**. Rev Interd Est Saúde. 2016; 5(1): 65-77. ISSN 2238-832X. [CrossRef].
- BARBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmet, 2009. RESENHA DA OBRA. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof. Rio de janeiro, v.38, nº 2, maio/agosto

2012. Disponível em: <https://www.bts.senac.br/bts/article/view/169>. Acesso em 02 de Dezembro de 2021.

BEGOSSI, A. **Caçaras, caboclos and natural resources: rules and scale patterns**. In: Ambiente & Sociedade, São Paulo, v. 5 n. 2, 1999.

BORGES, F. M. T.; SANTIAGO, N. B. **Uso e conhecimentos de plantas medicinais: um estudo de caso no entorno da escola municipal “zélia flexa da silva”, município de Magalhães Barata-PA**. Igarapé- Açú – Pará, 2014.

BRASIL. **Ministério da saúde. Secretaria de Ciências tecnologia e Insumo Estratégicos**. Departamentos de assistência farmacêutica política Nacional de plantas medicinais e fitoterápicos. Brasília. Ministério da saúde 2006.60 disponível em: <http://dtr2004.saude.gov.br/dab/docs/publicações/geral/pnmpmf.pdf>. Acesso em: 02/abr.2022.

BRASIL, **Presidência da República**. Decreto 5813 de 22 de junho de 2006 – Aprova a Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos e dá outras providências. Brasil, 2006.

BORGES, F. M. T; SANTIAGO, N. B. **Uso e conhecimentos de plantas medicinais: um estudo de caso no entorno da Escola Municipal. “zélia Flexa da Silva”, município de Magalhaes Barata-PA**. Igarapé-Açu/PA 2014.

Casos suspeitos e confirmados do novo coronavírus (Covid-19) registados no mundo, no Brasil e na rede EBSEEH. **Vigilância em foco**. Publicação quizenaldo serviço de gestão da qualidade (CGC) DEPAS. Ano 5.Edição “Covid19” N° 276.10 de março de 2022.

CASTILHO, M. A.; ARENHARDT, M. M.; Le BOURLEGAT, C. A. **Cultura e identidade: os desafios para o desenvolvimento local no assentamento Aroeira, Chapadão do Sul, MS**. Interações, Campo Grande, MS, v. 10, n. 2, p. 159-169, jul./dez. 2009.

CORRÊA JUNIOR, C. LIN., SCHEFFER, M.C.SOB. informa, p.9, 23, 1991.

COSTA, N. S. **Levantamento de plantas medicinais utilizadas como tratamento alternativo frente a pandemia de Covid-19 no município de Porto Velho-RO**. Trictosensu editora. Ciências Biológicas e da Saúde: Pesquisas Básicas e Aplicadas 2. Cap. 5. Acesso em: 25 de março de 2022.

DRIUFT [Internet]. 2020; 7 (Especial-3): 89-6. ISSN 2359-3652. [CrossRef].

FLOR, A.S.S.O. BARBOSA, W.L.R. **Sabedoria popular no uso de plantas medicinais pelos moradores do bairro do sossego no distrito de Marudá – PA**. Rev. Bras. Pl. Med., Campinas, v.17, n.4, supl. I, p.757-768, 2015.

GAUDÊNCIO, et al. **Indigenas brasileiros e o uso das plantas: saber tradicional, cultura e etnociência**. Khoronos, Revista de História da Ciência nº 9, junho de 2020.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOIS, B. P.; Pereira AD, Lopes KLS, Corgosinho FC. **Suplementação e alimentação adequada no contexto atual da pandemia causada pela Covid-19**.

LEÃO, R.B.A.; FERREIRA, M.R.C.; JARDIM, M.A.G. **Levantamento de plantas de uso terapêutico no município de Santa Bárbara do Pará, Estado do Pará, Brasil**. Revista Brasileira de Farmácia, v. 88, n. 1, p. 21-25, 2007.

LOPES, L.F.B. **Proteção de conhecimentos tradicionais associados à diversidade: possibilidade e desafios**. Revista de estudo e pesquisa, v. 4, N. 1, p.255-289, 2007.

LORENZI, H. E, MATOS, F. J. A. 2002. **Plantas medicinais no Brasil/ Nativas e exóticas**. Nova Odessa, SP: Plantarum.

MARCATTO, C. **Utilização de Plantas Medicinais em Educação Ambiental**. Disponível em < <http://www.redeambiente.org.br>> acesso em 30 de março de 2022.

MARQUES, J. G. W. **O olhar (des)multiplicado: o papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. In: AMOROZO, M. C.; MING, L. C.; SILVA, S. M. P. (Ed.). Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. Rio Claro, SP: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2002.

MARTINS, A. G; ROSÁRIO, D. L, BARROS, M. N, JARDIM, M. A. G 2005. **Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil**. Rev Bras.

MELO, P.M. C de. O. SANTOS, R.da.S & FERREIRA, M.C. Artigo Original / Original Paper **Dinâmicas de conhecimento e uso de plantas medicinais em um assentamento rural de Belém do Pará – PA**. Rodriguésia 72: e00662018. 2021 <http://rodriguesia.jbrj.gov.br> DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-7860202172012>.
Farm 86: 2130.

MODRO, A. F. H.; MENEGUELLI, A. Z.; RIBEIRO, S. B.; MAIA, E.; LIMA, J. G. A. **A importância do conhecimento tradicional de plantas medicinais para a conservação da Amazônia**. Cadernos de agroecologia-ISSN 2236-7934. Vol. 10, Nº 3 de 2015 – Diversidade e soberania na construção do bem viver.

MONTEIRO, et al. **Epidemiologia da Covid-19 no Amazonas, Brasil.**/monteiro TR et al. BEPA 2020; 17 (201): 2-19. Orcid. <https://orcid.org/0000-0001-7187-7377-Brasil>.

MORAES, M. E. A; SANTANA, G. S. M. **Arroeira do Sertão: um candidato promissor para tratamento de Úlceras Gástricas.** Fucamp, V.3, p.5-6, 2001.

OLIVEIRA, F. C.; ALBUQUERQUE, U. P.; FONSECA-KRUEL, V. S.; HANAZAKI, N. **Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil.** Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, BA, v. 23, n. 2, p. 590-605, 2009.

OLIVEIRA, M. F.de. **METODOLOGIA CIENTIFICA: um manual para a realização de pesquisas em administração.** Maxwell Ferreira de Oliveira. — Catalão: UFG, 2011. 72 p: il. CDD-001.8 OLI/met. Catalão, Goiás, 2011.

OLIVEIRA, R. L. **Etnobotânica e plantas medicinais: estratégias de conservação.** Revista de Biologia e ciências da terra. V.10, N.2,2010.

PEREIRA, J.de. L. PEREIRA, E. R. de. L. OLIVEIRA, M. E. B. de. BELTRÃO, I. C. MEDEIROS, M. B. **Uso caseiro das plantas medicinais: Conhecimento e uso no município de Itabaiana/PB.** II Congresso Internacional das Ciências Agrarias COINTER-PDVAgro 2017.

Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: editora Atlas, 1999.

ROCHA, J. A.; BOSCOLO, O. H.; FERNANDES, L. R. R. M. V. **Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional.** Recebido em 09/11/2013; revisado e aprovado em 24/07/2014; aceito em 23/08/2014 DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1518701220151105>. INTERAÇÕES, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 67-74, jan./jun. 2015.

SANTOS, V. (2008): **“O silêncio ruidoso sobre a morte nas experiências formativas na área da saúde. Contribuições para a construção da teia epistêmica de um objeto de estudo”.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, 3., set. 2008, Natal. Anais.

SELLTIZ, C. WRIGHTSMAN, L. S. COOK, S.W. **Métodos de pesquisa das relações sociais.** São Paulo: Herder, 1965.

SILLITOE, P. Defining indigenous knowledge. The knowledge contituum. IN: Indigenous knowledge and. Development. Monitor, v.6,N.3,CIRAN, 1999.

SILVA, A. S. S. da. **Etnoconhecimento sobre plantas medicinais e interações com o meio ambiente na Comunidade do Catu, Canguaretama(RN, Brasil).** 2018.81f. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento e meio Ambiente)-Centro de Biociência, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/25517>. Acesso em: 22 de abril de 2021.

SILVA, F. J. P.; FRAXE, T. J. **Etnoconhecimento de plantas medicinais e ritualístico da Comunidade São Francisco no Careiro da Várzea - Amazonas – Brasil.** DELOS: Revista Desarrollo Local Sostenible. Indexada em IN-Recs; LATINDEX: DICE; ANECA; ISOC; RePEc y DIALNET Vol 7. N° 18 Febrero 2014.

TUXILL, John; NABHAN, Gary P. **Plantas, comunidades y áreas protegidas: una guía para El manejo in situ.** Pueblos y plantas. Manual de conservacion. Montevidéo: Editora Nordan Comunidad, 2001.

VEIGA, J.B. SCUDELLER, V.V. **Etnobotânica e medicina popular no tratamento de malária e males associados na comunidade ribeirinha Julião – baixo Rio Negro (Amazônia Central).** Rev. Bras. Pl. Med., Campinas, v.17, n.4, supl. I, p.737-747, 2015. 10.1590/1983-084X/14_064. Recebido para publicação em 27/06/2014 Aceito para publicação em 19/11/2014.

APÊNDICES

APÊNDICES- Roteiro das entrevistas

Questionário para Entrevista

Dados sociais	
Mês de entrevista:	Local da entrevista:
Data da entrevista:	Sexo: () Masculino () Feminino
Idade do Entrevistado:	Etnia:
Naturalidade:	
Escolaridade:	Estado civil:
Nº de pessoas na família:	Nº de filhos:
Profissão:	

1. Você já foi diagnosticado com Covid-19? Em que ano?
2. Durante esse período, quais sintomas você sentiu?
3. Você utilizou algum tipo de remédio caseiro para combater os sintomas da Covid-19?
4. Qual tipo de remédios caseiros? E forma de preparo?
5. Os remédios caseiros utilizados tiveram resultados positivos?
6. Você utilizou algum tipo de remédio caseiro para evitar ser contaminado pela covid-19? Qual?
7. Qual(is) planta(s) medicinal(is) você mais utilizou durante esse período pandêmico?
8. Por que optou utilizar as plantas medicinais para combater a covid-19?
9. Quem indicou o uso desse remédio à base de planta medicinal?
10. Por que acredita que há cura ou alívio de certas enfermidades com plantas medicinais?
11. Qual a importância de ter esse conhecimento sobre os remédios caseiros nesse momento Pandêmico?

12. Você acredita que o conhecimento sobre os remédios caseiros extraídos de plantas medicinais provém do conhecimento Popular?
13. Em sua opinião, você acha que o conhecimento que vem de geração em geração está sendo transmitido?
14. Você já foi vacinado?
- () SIM Doses tomadas: _____
- () NÃO, por que?
-